



LITERATURA BRASILEIRA I

PRISCILA FINGER DO PRADO



Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

Sumário



CAPITULO I - PENSANDO A LITERATURA BRASILEIRA

O Brasil ainda não é um país de leitores. E esse dado complica o crescimento da literatura nacional. Quanto menos leitores, menos novos escritores, menos críticos literários, é um ciclo. Segundo a pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2015), houve um aumento no número de leitores no país, que hoje conta com 56%. O que contribui para uma pessoa ter mais ou menos acesso à leitura é a condição social e a escolaridade dela. Quanto maior a escolaridade e a renda, maior a probabilidade de a pessoa comprar livros, ganhar livros de presente, ler livros digitais ou mesmo frequentar bibliotecas. Aliás, é assustador pensar que a maioria dos brasileiros não frequenta bibliotecas.

Ainda segundo a pesquisa, quanto à possibilidade de frequentar bibliotecas, o brasileiro responde que poderia fazê-lo mais, se houvessem mais livros atuais nesses lugares. Nossas bibliotecas são grandemente constituídas de “livros antigos”, e a maior parte dos brasileiros lê por gosto, quando tem interesse no tema. Outro dado interessante é que, quando se está na escola, é mais provável que se leia livros, e isso influencia bastante nos autores mais conhecidos dos brasileiros alfabetizados, citados na pesquisa: Machado de Assis, Monteiro Lobato, Paulo Coelho, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Maurício de Souza, Cecília Meireles, Clarice Lispector, José de Alencar, Vinícius de Moraes, Érico Veríssimo. Na primeira aula de Literatura Brasileira, costumo perguntar quais os autores nacionais que os alunos leram ou conhecem, e



os nomes coincidem com os apontados na pesquisa, porque são os autores mais trabalhados na escola, à exceção de Paulo Coelho e de Maurício de Souza, a cuja leitura as pessoas costumam chegar por indicação de terceiros. Mas o que isso tem a ver com nossa disciplina, afinal?

Nossa disciplina se intitula Literatura Brasileira I e antecede outras duas disciplinas de mesmo enfoque (Literatura Brasileira II e Literatura Brasileira III). O objetivo das disciplinas é pensar a produção literária nacional, desde as origens até a contemporaneidade. Nossa disciplina especificamente pensa as origens da literatura nacional até o século XIX, no Romantismo. Pensar nossa relação com os livros e com os autores nacionais é importante, especialmente para entendermos as possíveis dificuldades que teremos nessa disciplina. Se estivéssemos em um país de leitores, com cidadãos compradores de livros e frequentadores de bibliotecas, buscando nos livros não só o lazer, mas também atualização cultural e conhecimento geral, essa disciplina poderia ter outro enfoque que não o conhecimento das principais obras que constituem nosso sistema literário nacional.

Sob essa hipótese, retomariamos, talvez, criticamente, as leituras já feitas no Ensino Médio, e pensaríamos nas relações dessa produção com a produção portuguesa e a ocidental, de modo geral. Também poderíamos dedicar mais tempo para a produção contemporânea, avaliando, por exemplo, as indicações de autores para a Festa Literária de Paraty -FLIP (a mais importante do país) de 2017, como Ana Miranda, Conceição Evaristo e Maria Valéria Rezende; ou os livros contemplados pelo Prêmio Jabuti de 2017 (o mais importante do país), como os romances de Silviano Santiago, Machado, e de Cristovão Tezza, A tradutora, e os livros de poesia de Simone Brantes, Quase todas as noites, e de Luci Collin, A palavra algo; ou ainda os 70 autores que representaram o Brasil na Feira do Livro de Frankfurt de 2013, quando o país foi homenageado, incluindo aí Paulo Coelho; sem contar os fenômenos de venda com publicações independentes, com a primeira divulgação em nichos nerd da internet, como é o caso de Eduardo Spohr. Sob essa hipótese, poderíamos avaliar como as mudanças sócio-econômico-culturais contribuem para uma transformação nos rumos do que é publicado e do que é lido no país. Mas não vivemos num país de leitores.



Por não viver em um país de leitores, precisamos que a faculdade nos dê não só a formação crítica para lidar com a língua e a literatura na escola mais tarde, como também uma complementação na formação escolar que tivemos, que é deficitária. O Brasil é um país jovem. Enquanto cultura letrada, só é possível pensar o Brasil a partir da chegada dos portugueses aqui. E é quando começa o processo de colonização, que não é pacífico, como muitas vezes nos fizeram pensar. Para que o Brasil se transformasse na nação que é hoje, muitas e muitas pessoas foram exploradas e mortas, muitas pessoas deixaram de receber o básico, para que outras tivessem o supérfluo.

Vivemos num país de desigualdades, e não há como essas desigualdades não aparecerem na literatura nacional, de uma forma ou de outra. A primeira coisa que vocês poderão perceber, nesse sentido, é a ausência de escritoras mulheres por um período de tempo bem longo. Mulheres não recebiam instrução formal no país, logo, como poderiam escrever? Outra coisa que poderão perceber, com o desenvolvimento de suas leituras, é que o negro sempre teve um espaço reduzido na produção nacional, tanto como tema literário quanto como autor de literatura. E quando produziu, teve sua identidade étnica apagada ou atenuada, como é o caso de Machado de Assis, Castro Alves ou Lima Barreto, todos mulatos. E o índio, vocês podem me perguntar? O índio tem espaço na literatura nacional...não tem? Como tema idealizado da literatura sim, mas e como autor? Você conhece algum autor indígena? Mas todas essas questões só são possíveis de serem trabalhadas se conhecermos as obras literárias, se conhecermos os autores, ao menos os principais, que escreveram e pensaram o Brasil. Por isso, vamos começar do começo, estudando primeiro o que foi produzido no Brasil, em termos literários, durante o período em que era colônia de Portugal; depois, pensaremos no período da independência e em como esse fato político contribuiu para a consolidação de nosso sistema literário brasileiro.

O conceito de sistema literário nos é dado por Antonio Candido, grande intelectual brasileiro, no livro *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1975). Neste, o autor se preocupou em analisar a formação da literatura nacional sob um viés sociológico e literário.

A fim de que os conceitos principais de seu livro chegassem a um número maior de pessoas, Candido elaborou um “resumo”, adjetivado “para principiantes”, o livro *Iniciação à Literatura Brasileira* (1999). Antonio Candido entende por sistema literário:

a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores formando um conjunto virtual, e veículos que permitem o seu relacionamento, definindo uma “vida literária”: públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar (CANDIDO, 1999).

Sem livros publicados, sem um número significativo de leitores e sem um conjunto de autores guiados por uma tradição da qual podem fazer parte, não há como pensar a literatura de um país, segundo o autor. Por isso, é a partir do conceito de sistema literário que é possível pensar a formação da literatura brasileira, a qual se daria em três etapas: “: (1) a era das manifestações literárias, que vai do século XVI ao meio do século XVIII; (2) a era de configuração do sistema literário, do meio do século XVIII à segunda metade do século XIX; (3) a era do sistema literário consolidado, da segunda metade do século XIX aos nossos dias”(1999). Dentro da era das manifestações literárias, temos os textos de informação e a produção jesuíta, bem como os autores barrocos. Dentro da era de configuração do sistema literário, temos os escritos do Arcadismo. Por fim, dentro da era do sistema literário consolidado, temos a produção romântica em diante. Nesse livro, estudaremos especificamente a era das manifestações literárias e a era da configuração do sistema literário brasileiro, ou seja, do Quinhentismo até o Arcadismo.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. Iniciação à Literatura Brasileira. São Paulo: Humanitas, 1999.

Leia mais

Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2015)

Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf

FLIP 2017

Disponível em: <http://flip.org.br/edicoes/flip-2017/autores>

59º Prêmio Jabuti (2017).

Disponível em: <http://premiojabuti.com.br/apuracao/f2-dt311017-1507/#1>

Lista dos autores brasileiros que vão para a Feira do Livro de Frankfurt de 2013.

Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2013/03/divulgada-lista-de-autores-brasileiros-que-vao-para-feira-do-livro-de-frankfurt-2013>

Escritores brasileiros (e influenciadores digitais).

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/escritores-brasileiros-19540527>

Autor nerd brasileiro fica entre os mais vendidos.

Disponível em: <http://g1.globo.com/bienal-do-livro/rio/2011/noticia/2011/09/apos-virar-hit-na-web-autor-nerd-brasileiro-fica-entre-mais-vendidos.html>



CAPÍTULO II – QUINHENTISMO E INFORMAÇÃO DA TERRA E DAS GENTES

Em 1500, atracava na costa brasileira a nau do homem que faria o primeiro relato oficial sobre o Brasil. Trata-se de Pero Vaz de Caminha, e o relato que escreveu é hoje conhecido como a certidão de nascimento do Brasil para o mundo europeu, a partir da escrita, que não havia por cá. A Carta de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, anuncia o achamento de uma nova terra ao rei português, Dom Manuel, caracterizando a terra e as gentes do lugar.

Pouco se sabe sobre a vida deste escrivão, como pouco se sabe sobre os outros viajantes que por aqui passaram. Sobre a chegada dos portugueses em terras brasileiras, conjectura-se que tenha sido proposital e que já se sabia anteriormente da existência de terras nas proximidades geográficas do que hoje é o Brasil. Por isso, a Carta de Caminha é toda escrita como que para justificar a viagem que os trouxe até ali, seja por erro de rota, seja por plano de conquista. A descrição da terra é feita de maneira exagerada, idealizada e, especialmente, interessada. Descreve-se o índio como ser ingênuo e pacífico (o que mais tarde será retificado, com o encontro com outras tribos), descreve-se a terra como extremamente fértil, como se toda riqueza pudesse ser retirada dela sem esforço. Destaco a falta de esforço acrescida ao trabalho com a terra, porque essa é uma das características que o português apresenta enquanto homem colonizador, segundo Sérgio Buarque de Holanda (2015). Para o sociólogo, o português é o tipo



aventureiro, que se lança em viagens buscando um retorno fácil de dinheiro e de status. Essa busca de frutos, sem gostar de/querer plantar, vai ser decisiva para a formação do Brasil tal como se deu, com base na escravização do trabalho de outros (primeiro o indígena, depois o africano) para um trabalho que não queriam fazer, ainda que visassem lucrar com a plantação e a exploração da terra do Novo Continente. Esse tipo de colonização também será decisivo para uma mentalidade escravocrata que não permitirá a abolição da escravatura antes do final do século XIX e que, ainda hoje, permite situações de abuso de poder, de trabalho escravo e de discriminação de pessoas pela cor de sua pele, a cor da pele daqueles que foram escravizados durante mais de três séculos.

A literatura produzida no Brasil ou sobre o Brasil durante o século dezesseis e dezessete costuma ser chamada Literatura de informação, já que o principal objetivo é descrever a terra e as gentes daqui, para informar quem deseja conhecer mais sobre o achamento: “São textos marcados, eis o problema, por uma intenção extraliterária, ou seja, foram redigidos em forma de “tratados”: desejam catalogar uma terra (vegetação, fauna, clima) e um povo (da constituição física a seus costumes). Passeiam, assim, pela geografia, zoologia, botânica e etnografia, sem escrúpulos: sem deixar de lado a fantasia” (VOGT & LEMOS, 1982, p. 101). São exemplos dessa literatura informativa, além da Carta de Caminha, o Diário de Navegação, de Pero Lopes e Sousa (1530); o Tratado da Terra do Brasil e a História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil, de Pero Magalhães Gândavo (1576); os Tratados da terra e da gente do Brasil, de Fernão Cardim (1583); o Tratado descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Sousa (1578); os Diálogos das Grandezas do Brasil, de Ambrósio Fernandes Brandão (1618); o Diálogo sobre a Conversão dos gentios, do Pe. Manuel da Nóbrega; e a História do Brasil, de Fr. Vicente de Salvador (1627). Segundo Vogt e Lemos (1982), seria necessário um gênero extra que recobrisse os dois tipos mais usados para falar da terra, a “crônica histórica” e a “narrativa de viagem”. Se hoje o que nos leva a esses textos é especialmente um interesse histórico, documental; na época em que foram escritos, serviam para divertir um determinado público europeu, que tinha



tempo de ócio a ser preenchido. As narrativas de viagem poderiam ser lidas como histórias de aventura, enquanto as crônicas históricas serviam para atenuar a curiosidade que fora atiçada pela descoberta da nova terra.

Outro dado importante sobre os textos de informação é a forma como as descrições foram feitas. A terra brasileira teve sua descrição moldada pela visão medieval da natureza como manifestação divina: “Nessa idealização, cada ser – animado ou inanimado – ocultaria uma lição moral de Deus dirigida ao homem” (1982, p.102). A terra brasileira ganhou ares de cenário bíblico, especificamente do Éden do Velho Testamento: as terras descobertas seriam uma nova versão do Paraíso Terrestre, o que avalizou a vinda de povoadores potenciais para cá. Além disso, a descrição da terra e das gentes constituirá um elemento importante para a formação da literatura brasileira, já que será retomada em vários momentos, a fim de se pensar a identidade do país, seja para ser ressaltada (Romantismo), seja para ser questionada (Pré-modernismo e Modernismo).

O texto mais importante, nesse sentido, é a Carta de Pero Vaz de Caminha. Este documento, que fora direcionado ao rei português de então (rei D. Manuel), só veio a público no século XIX, mais especificamente em 1817, quando foi publicada a Corografia Brasílica, por Manuel Aires do Casal. Caminha inicia apresentando o intento da carta ao rei: “Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, assim como os outros capitães escrevem à Vossa Alteza sobre a nova descoberta desta vossa terra nova que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar conta disso a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que, para o bem contar e falar, o saiba pior que todos fazer”. Depois da apresentação, junto a uma justificativa, ficamos sabendo a data e o lugar de partida da viagem, 9 de março, de Belém, e dos lugares pelos quais passaram, como as ilhas Canárias e as ilhas de Cabo Verde. Também são apresentados, com detalhes, os indícios da terra que viria a ser descoberta, como quer a narrativa de viagens. Enfim, a descrição do primeiro monte avistado, denominado Monte Pascoal, por causa do período da Páscoa em que se encontravam, dando, também por isso, o nome da nova terra, que se chamou primeiramente Terra de Santa Cruz. Podemos perceber ainda a narração de cada decisão do



grupo quanto à exploração do espaço, a fim de conhecimento; o relacionamento com o povo encontrado; o ritual da primeira missa e a despedida e planos de retorno (inclusive os degredados que ficaram na terra, quando da partida da frota). É importante notar que esse episódio do encontro entre portugueses e indígenas é sempre destacado pelo viés dos primeiros, e que não sabemos ao certo o que pensaram os que aqui já viviam.

Segundo Antonio Candido (1999), a história da literatura brasileira é a história de uma imposição cultural. Não há como pensar a sociedade colonial brasileira como um prolongamento das culturas locais, uma vez que estas foram destruídas, e as leis, os costumes e o equipamento espiritual da metrópole foi transposto para esse território “descoberto”, do qual logo tomaram posse os portugueses. A sociedade brasileira formou-se, pois, a partir da diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais, a partir do difícil contato entre formas primitivas e formas avançadas, entre vida rude e vida requintada.

Dessa forma, como defende Candido, a literatura não “nasceu” aqui, mas veio pronta, e ao ser imposta, juntamente com a cultura e a religião, desautorizou a forma de viver, de se relacionar e de desenvolver a espiritualidade dos nativos. A grande diferença de hábitos propiciou, num primeiro momento, uma necessidade de descrição e conhecimento, pois não se pode dominar o que não se conhece. Assim, com intuito pragmático, os homens que vieram para o Brasil passaram a desenvolver uma escrita descritiva da terra e de seus habitantes. Além disso, “precisaram criar os veículos de comunicação e impor o seu equipamento ideológico” (1999), o que fizeram a partir da catequese e/ou da violência. Os responsáveis pela parte da catequese foram os jesuítas, que vieram para o Brasil a partir de 1549, dentre os quais os principais, por sua produção escrita, são Manuel da Nóbrega e José de Anchieta. Os textos produzidos pelos jesuítas, nesse período, são chamados de Literatura Jesuítica. Dessa literatura interessada, com objetivos de catequese, obtém-se um importante documento sobre a época, sobre o relacionamento com os povos indígenas, sobre sua língua, em especial o tupi, mas também é possível se destacar qualidades estéticas, especialmente na produção de José de Anchieta.



Manuel da Nóbrega é autor do Diálogo sobre a conversão do gentio, em que defende a catequese como forma de salvar essas pessoas que, “apesar de selvagens”, poderiam ter alma e serem acolhidas na fé católica. A relação entre índios e jesuítas ganhará destaque em outra obra, séculos depois (O Uruguai, de Basílio da Gama), demonstrando o contraditório dessas relações, já que, ao mesmo tempo em que os jesuítas se dedicavam a cuidar dos povos indígenas, privavam-lhes de suas crenças e cultura em favor das suas.

Anchieta tem ampla produção de poemas, em castelhano, latim, português e tupi, e peças teatrais, os quais serviam para a catequese dos índios. A obra de maior vulto desse jesuíta é, segundo Candido (1999), um poema épico sobre Mem de Sá, então governador geral do Brasil. José de Anchieta tem grande importância por sua produção, tanto pelo documento de época que representa, quanto pelo trabalho artístico que empenhou em sua escrita:

Mas é o Anchieta poeta e dramaturgo que interessa ao estudioso da incipiente literatura colonial. E se os seus autos são definitivamente pastorais (so sentido eclesial da palavra), destinados à edificação do índio e do branco em certas cerimônias litúrgicas (Auto representado na festa de São Lourenço, na Vila de Vitória e na visitação de Sta Isabel), o mesmo não ocorre com os seus poemas que valem em si mesmos como estruturas literárias.” (BOSI, 2000).

De sua produção, é possível destacar os poemas ‘A Santa Inês’, ‘Do Santíssimo Sacramento’ e ‘Em Deus, meu criador’, os quais se moldam na tradição medieval espanhola e portuguesa, com metros breves, da ‘medida velha’, em que o eu lírico traduz a sua visão do mundo ainda alheia ao Renascimento, transpondo, contudo, o tópico do ‘desengaño’ do mundo, constante nos cancioneros medievais. Destaca-se, em Anchieta, também os valores positivos de alegria e esperança, especialmente a ideia de consolação pelo viés do amor divino.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. Literatura concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

CANDIDO, Antonio. Iniciação à Literatura Brasileira. São Paulo: Humanitas, 1999.

MOISÉS, Massaud. Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2004.

VOGT, Carlos; LEMOS, José Augusto Guimarães de. Cronistas e viajantes. São Paulo: Abril Educação, 1982.

Abaixo, você poderá encontrar fragmentos da Carta, de Pero Vaz de Caminha, bem como dois poemas de José de Anchieta.

Textos selecionados

Vista de terra e nomeação

“Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! a saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!”

Descrição dos indígenas – os homens

“Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e



uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar”.

O primeiro encontro entre indígenas e portugueses, dentro da nau

“Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali. Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas

não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! ”

Descrição dos indígenas – as mulheres

“Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma”.

Apresentação dos interesses na descrição das terras e das gentes (religioso e político)

“Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d’agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé! E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo”.

Excertos da edição a seguir discriminada:

CAMINHA, Pero Vaz. Carta ao rei D. Manuel. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

À Santa Inês

I
Cordeirinha linda,
como folga o povo
porque vossa vinda
lhe dá lume novo!

Cordeirinha santa,
de Iesu querida,
vossa santa vinda
o diabo espanta.

Por isso vos canta,
com prazer, o povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura
fugirá depressa,
pois vossa cabeça
vem com luz tão pura

Vós sois, cordeirinha,
de Iesu formoso,
mas o vosso esposo
já vos fez rainha.

Também padeirinha
sois de nosso povo,
pois, com vossa vinda,
lhe dais lume novo.

II
Não é d'Alentejo
este vosso trigo,
mas Jesus amigo
é vosso desejo.

Morro porque vejo
que este nosso povo
não anda faminto
deste trigo novo.

Santa padeirinha,
morta com cutelo,
sem nenhum farelo
é vossa farinha.

Ela é mezinha
com que sara o povo,
que, com vossa vinda,
terá trigo novo.

O pão que amassastes
dentro em vosso peito,
é o amor perfeito
com que a Deus amastes.

Deste vos fartastes,
deste dais ao povo,
porque deixe o velho
pelo trigo novo.

Não se vende em praça
este pão de vida,
porque é comida
que se dá de graça.

Ó preciosa massa!
Ó que pão tão novo
que, com vossa vinda,
quer Deus dar ao povo!

Ó que doce bolo,
que se chama graça!
Quem sem ele passa
é mui grande tolo,

Homem sem miolo,
qualquer deste povo,
que não é faminto
deste pão tão novo!

III

CANTAM:

Entrai ad altare Dei
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna esposa
de Iesu, que é sumo rei.

Debaixo do sacramento,
em forma de pão de trigo,
vos espera, como amigo,
com grande contentamento.

Ali tendes vosso assento.
Entrai ad altare Dei,
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna esposa
de Iesu, que é sumo rei.

Naquele lugar estreito
cabereis bem com Jesus,
Pois ele, com sua cruz,
vos coube dentro no peito,
ó virgem de grão respeito.

Entrai ad altare Dei,
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna esposa
de Iesu, que é sumo rei.

Do Santíssimo Sacramento

Suas graças são tamanhas,
Que se não podem contar,
Mas bem se podem gostar
De quem ama.

Sua graça se derrama
Nos devotos corações
E os enche de bênçãos
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas
De vosso divino amor!
Ó meu Deus e meu Senhor
Humanado!

Quem vos fez tão namorado
De quem tanto vos ofende?!
Quem vos ata, quem vos prende
Com tais nós?!

Por caber dentro de nós
Vos fazeis tão pequenino
Sem o vosso ser divino,
Se mudar.

Para vosso amor plantar
Dentro em nosso coração
Achastes tal invenção
De manjar,

Em o qual nosso padar
Acha gostos diferentes
Debaixo dos acidentes
Escondidos.

Uns são todos incendiados
Do fogo de vosso amor,
Outros cheios de temor
Filial,

Outros com o celestial
Lume deste sacramento
Alcançam conhecimento
De quem são,

Outros sentem compaixão
De seu Deus que tantas dores
Por nos dar estes sabores
Quis sofrer.

E desejam de morrer
Por amor de seu amado,
Vivendo sem ter cuidado
Desta vida.

Quem viu nunca tal comida
Que é o sumo de todo bem,
Ai de nós que nos detém
Que buscamos!

Como não nos enfrascamos
Nos deleites deste Pão
Com que o nosso coração
Tem fartura.

Se buscarmos formosura
Nele está toda metida,
Se queremos achar vida,
Esta é.

Aqui se refina a fé,
Pois debaixo do que vemos,
Estar Deus e homem cremos
Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança,
Pois na terra nos é dado
Quanto lá nos céus guardado
Nos está.

A caridade que lá
Há de ser aperfeiçoada,
Deste pão é confirmada
Em pureza.

Dele nasce a fortaleza,
Ele dá perseverança,
Pão da bem-aventurança,
Pão de glória.

Deixado para memória
Da morte do Redentor,
Testemunho de Seu amor
Verdadeiro.

Oh mansíssimo Cordeiro,
Oh menino de Belém,
Oh Jesus todo meu Bem,
Meu Amor.

Meu Esposo, meu Senhor,
Meu amigo, meu irmão,
Centro do meu coração,
Deus e Pai.

Pois com entranhas de Mãe
Quereis de mim ser comido,
Roubai todo meu sentido
Para vós

Prendei-me com fortes nós,
Iesu, filho de Deus vivo,
pois que sou vosso cativo,
que comprastes

Com o sangue que derramastes,
Com a vida que perdestes,
Com a morte que quisestes
Padecer.

Morra eu, por que viver
Vós possais dentro de mim;
Ganha-me, pois me perdi
Em amar-me.

Pois que para incorporar-me
E mudar-me em vós de todo,
Com um tão divino modo
Me mudais.

Quando na minha alma entrais
É dela fazeis sacrário,
De vós mesmo é relicário
Que vos guarda.

Enquanto a presença tarda
De vosso divino rosto,
O saboroso e doce gosto
Deste pão

Seja minha refeição
E todo o meu apetite,
Seja gracioso convite
De minha alma.

Ar fresco de minha calma,
Fogo de minha frieza,
Fonte viva de limpeza,
Doce beijo.

Mitigador do desejo
Com que a vós suspiro, e gemo,
Esperança do que temo
De perder.

Pois não vivo sem comer,
Como a vós, em vós vivendo,
Vivo em vós, a vós comendo,
Doce amor.

Comendo de tal penhor,
Nela tenha minha parte,
E depois de vós me farte
Com vos ver.
Amém.

LEIA MAIS:

O material de que dispomos na EAD é satisfatório para compreender aspectos essenciais da produção literária, da crítica literária e da própria historiografia, mas sempre é importante buscar outras leituras, a fim de termos mais informações e pontos de vista sobre o objeto de estudo.

Por isso, sugere-se a seguinte bibliografia, para aprofundar os estudos sobre cada ponto desse material.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos. Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2004.

ROMERO, Sílvio. História da Literatura Brasileira. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000117.pdf>

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>



CAPÍTULO III - BARROCO E CONSCIÊNCIA COLONIAL

O Barroco brasileiro precisa ser estudado em sua especificidade de produção artística em uma colônia ainda bastante despovoada e desigual. Como contexto histórico, é importante saber que o território brasileiro primeiramente serve à corte portuguesa como uma grande lavoura de pau-brasil. Essa árvore de cor avermelhada servia para o tingimento de tecidos como algodões, linhos e sedas. Mais tarde, começam a ser implantadas aqui também grandes lavouras de cana-de-açúcar, que constituíram o império dos senhores de engenho (que logo tiveram representação na literatura).

Para aumentar a produtividade, e sabendo do propósito dos portugueses que para cá vinham, era necessário haver mais pessoas envolvidas, e o caminho encontrado foi o de escravizar pessoas para obter mão-de-obra. Houve, durante o processo de colonização, um genocídio dos povos indígenas, e os índios que restaram, estavam sob a proteção dos jesuítas (ainda que isso não fosse suficiente para estancar a cobiça dos bandeirantes que caçavam pessoas para escravizá-las). Por essa razão, iniciou-se uma prática que demoraria anos para terminar, o tráfico humano. Pessoas eram retiradas de seus países, de suas famílias e amigos, a fim de serem escravizadas do outro lado do Atlântico.

Calcula-se que nove milhões de pessoas tenham vindo para o Brasil na condição de escravos, sendo que um terço dessas pessoas morreram antes mesmo de chegar aqui, devido às péssimas condições de transporte (também isso teve representação na literatura mais tarde). Essas pessoas, negras na cor, africanas de origem, eram destinadas ao trabalho desgastante dos



engenhos de açúcar. Com tudo isso, a exploração do indígena e do negro e a incrementação de lavouras no país, formou-se um país de mestiços, principalmente resultado da miscigenação entre o homem branco europeu (que vinha para a colônia em número maior do que a mulher) e as mulheres indígenas e negras.

Segundo Alfredo Bosi (2000), havia, no país, pois, nos primeiros séculos, ilhas sociais formadas pelos ciclos de ocupação e de exploração. Assim, pequenos nichos sociais foram se formando de maneira rudimentar, sem ares de urbanidade propriamente, mas já com alguma característica de organização citadina, em espaços como a Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, os quais se formaram em temporalidades diversas. A organização política ganhou a forma das Capitanias hereditárias, em que poucos homens eram responsáveis pela administração do país, mesmo que muitos deles nunca tenham vindo, de fato, para a colônia. Começa-se, no Brasil, uma tradição de latifúndios...

Dessa rudimentar estrutura urbana fizeram parte os escritores que estudaremos nesse tópico. As produções feitas aqui se constituíram pela estética de um Barroco diluído, que apareceu diferentemente na literatura, na música e nas artes plásticas. Segundo Bosi (2000), na literatura, é possível pensar em ecos do Barroco do século XVII até o XVIII, em autores como Gregório de Matos, Botelho de Oliveira, Frei Itaparica, bem como nas primeiras academias aqui formadas. Já na música e nas artes, o Barroco é posterior, ocorrendo especialmente na segunda metade do século XVIII em Minas Gerais, sendo que os nomes mais significativos foram, nas artes, Aleijadinho e Manuel da Costa Ataíde, e na música, Lobo de Mesquita e Marcos Coelho (composições sacras). Antonio Vieira merece uma explicação à parte, já que o que produz é prosa sacra e que sua produção tem como assunto temas que refletem a realidade brasileira, mas também a europeia, especialmente a portuguesa. Por isso, é comum encontrarmos seu nome tanto em manuais de literatura brasileiros quanto nos portugueses.

Em termos de literatura, a produção nesse período é esparsa: tem-se a Prosopopeia, de Bento Teixeira, um poema épico de louvor a uma figura política; a obra poética de Gregório



de Matos; a coleção de poemas Música do Parnaso, de Manuel Botelho de Oliveira; o poema Descrição da Cidade da Ilha de Itaparica, do frei Manuel de Santa Maria Itaparica; a oratória sagrada do padre Antonio Vieira; a prosa alegórica Compêndio Narrativo do Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira; e a produção variada das Academias do século XVIII. Dentre todos esses nomes, os que ganham destaque são Antonio Vieira e Gregório de Matos, consideradas duas das maiores figuras da literatura brasileira por Antonio Candido (1999).

A produção de Gregório de Matos só conheceu publicação depois de sua morte, no século XIX. Era comum que o poeta recitasse seu poema para que outra pessoa o transcrevesse. Sua produção, contudo, é grande e variada. Gregório de Matos escreveu poemas sobre várias temáticas, como o desterro, o amor, o humor, a religião, o espaço histórico e a reflexão. Sua produção segue muitos dos preceitos do barroco espanhol, especialmente de Góngora e de Quevedo.

O poeta, como um intelectual deslocado, é um grande crítico da sociedade, que se forma a partir de paradoxos, com religiosos, senhores de engenho, indígenas, negros, viajantes, comerciantes e algumas figuras do governo oficial. O que o poeta critica principalmente são os costumes dessa sociedade mista, em que falta organização política e firmeza moral, até nos religiosos. Gregório de Matos entende o Brasil e, nesse caso, a Bahia especificamente, como um lugar rico, mas que pela má administração se vê empobrecido, o que acaba afetando, inclusive, os costumes dos que ali vivem. Ele reconhece a questão da exploração da colônia, ainda que, tenha uma mentalidade bastante conservadora quanto à realidade de miscigenação brasileira, que vê com maus olhos, como se pode perceber pelos seguintes versos: "Não sei, para que é nascer// neste Brasil empestado// um homem branco, e honrado// sem outra raça". Para pensarmos essa questão sob outro viés, será preciso esperar o século XIX, com a estética realista principalmente.

O outro grande nome do barroco brasileiro (e também do barroco português) é Antonio Vieira. Destaca-se, em sua produção, a perícia verbal, o desejo de ação, a sólida cultura humanística e a religiosidade, esta estreitamente ligada à política expansionista de Portugal.



Segundo Bosi (2000), Vieira é um espírito verdadeiramente barroco, e seus sermões tratavam os mais diversos assuntos, de maneira conceitual, com retórica admirável. Antonio Vieira nasceu em Lisboa, estudou no Colégio dos Jesuítas e foi ordenado em 1634. Como missionário, frequentou a corte europeia (não só a portuguesa), mas também professou na colônia brasileira.

Os sermões que nos interessam principalmente, neste sentido, são os que tratam do Brasil e de seu povo, mas também o “Sermão da Sexagésima”, proferido na Capela Real de Lisboa em 1655, que tem como tema a arte de pregar. Nesse sermão, o sermônista analisa os elementos responsáveis pela conversão dos homens pelos religiosos, destacando quais seriam as possíveis faltas de cada um, a saber: a pessoa (do pregador), o estilo em que prega, a matéria sobre a qual se prega (o Evangelho), a ciência (ou o saber necessário para fazer suas próprias reflexões sobre o Evangelho) e a voz (ou a entonação correta para sensibilizar e converter).

Sermões importantes para compreendermos a perícia retórica de Vieira, bem como para entendermos mais sobre esse período do Brasil Colônia são o “Sermão pelo sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda”, que apresenta um olhar sobre a invasão holandesa no litoral brasileiro, um importante capítulo da História do Brasil; o “Sermão de Santo Antônio (aos peixes)”, em que o padre apresenta o estado de devassidão de costumes em que se encontrava a colônia, de modo que era mais fácil os peixes ouvirem os saberes necessários para se converterem do que os próprios fiéis; o “Sermão da Primeira Domingo da Quaresma”, em que o pregador tenta persuadir os colonos a libertarem os indígenas “que lhe fazem evocar os hebreus cativos do Faraó” (BOSI, 2000, p.45); e ainda o “Sermão XIV do Rosário”, pregado à Irmandade de Pretos de um engenho baiano, no qual ele “equipara os sofrimentos de Cristo aos dos escravos” (BOSI, 2000, p.45).

Na proposta de Antonio Candido para pensar a formação da Literatura brasileira, o Barroco, assim como o Quinhentismo (Literatura de Informação) são considerados não como parte de um sistema literário brasileiro, mas como manifestações literárias esparsas que ainda não fundavam um sistema. Essa proposta sociológica, segundo a qual uma literatura, para existir,



precisa de um sistema formado por obras, leitores e autores, não foi aprovada por todos, como é o caso de Haroldo de Campos, que viu nessa seleção um caso de “sequestro”. Para ele, devido a importância das obras produzidas no período, especialmente a produção de Gregório de Matos. Por mais que se tenha formado uma polêmica pelo diferente olhar desses teóricos quanto à Literatura Brasileira, a perspectiva de um não anula a do outro, até porque Candido não nega a importância estética de Gregório de Matos, somente o classifica sob uma ótica diferente, em que a formação da literatura depende do amadurecimento da sociedade e de seu arcabouço cultural e editorial.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. Literatura concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

CANDIDO, Antonio. Iniciação à Literatura Brasileira. São Paulo: Humanitas, 1999.

MATOS, Gregório. Literatura Comentada: Gregório de Matos. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Antônio Dimas. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MOISÉS, Massaud. Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2004.

Abaixo, você poderá encontrar poemas de Gregório de Matos, bem como excertos de três sermões de Antonio Vieira.

Textos selecionados

Para pensar a crítica social, na estética de Gregório de Matos

Triste Bahia! ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrada,
A mim foi-me trocando, e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

Para pensar a reflexão sobre o tempo e a vida, na estética de Gregório de Matos

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se tristezas.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

Para pensar a lírica amorosa, na estética de Gregório de Matos

Anjo no nome, Angélica na cara
Isso é ser flor, e Anjo juntamente
Ser Angélica flor, e Anjo florente
Em quem, se não em vós se uniformara?



Quem veria uma flor, que a não cortara
De verde pé, de rama florescente?
E quem um Anjo vira tão luzente
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares
Fôreis o meu custódio, e minha guarda
Livrara eu de diabólicos azares

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda
Posto que os Anjos nunca dão pesares
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda

Para pensar a lírica religiosa, na estética de Gregório de Matos

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.



Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Poemas extraídos da seguinte edição:

MATOS, Gregório. Literatura Comentada: Gregório de Matos. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Antônio Dimas. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

Sobre a arte de pregar e sobre como pensar a argumentação: Sermão da Sexagésima (excerto)

“O sermão há de ser de uma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se deve evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto”.

Sobre os tipos de ladrão e a crítica aos governantes: Sermão do Bom ladrão (excerto)

“Suponho finalmente que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria, ou escusa, ou alivia o seu pecado, como diz Salomão: Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animam. O ladrão que furta para comer, não vai, nem leva ao inferno; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões, de maior calibre e de mais alta esfera, os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento, distingue muito bem S. Basílio Magno: Non est intelligendum fures esse solum bursarum incisores, vel latrocinantes in balneis; sed et qui duces legionum statuti, vel qui commisso sibi regimine civitatum, aut gentium, hoc quidem furtim tollunt, hoc vero vi et publice exigunt: Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. — Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam”.

Sobre a arte de pregar e corrupção da sociedade: Sermão de Santo Antonio (aos peixes) (excerto)

“Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a não se deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina que lhe dão, a não querer receber. Ou é porque o sal não salga, e os

pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo servem a seus apetites. Não é tudo isso verdade? Ainda mal”.

Excertos retirados da seguinte edição:

VIEIRA, Antonio. Sermões: Padre Antonio Vieira. / organização e introdução Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000.

Para saber mais

Para saber mais sobre a formação do Brasil e do povo brasileiro, há textos históricos e sociológicos que podem ser úteis, como :

BRASIL. Para uma história do negro no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988.

Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.) História dos índios do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultural, 1992. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/historia/p567-598_Bibliografia.pdf

FREYRE, Gilberto. Casa grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime do sistema patriarcal. São Paulo: Global, 2003. Disponível em: http://www.usp.br/cje/anexos/freire_gilberto_casa_grande_senzala.pdf

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MATTOSO, Kátia de Queirós. Ser escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em: <http://rapefilosofia.blogspot.com.br/2016/02/o-genocidio-do-negro-brasileiro-abdias.html>



PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. Revista Estudos Avançados. São Paulo Jan./Apr. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Darcy_Ribeiro_-_O_povo_Brasileiro-_a_forma%C3%A7%C3%A3o_e_o_sentido_do_Brasil.pdf

RODRIGUES, Raymundo Nina. Os africanos no Brasil [online]. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/mmtct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf>

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. O percurso da indianidade na literatura brasileira matizes da figuração. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/yhzv4/pdf/santos-9788579830204.pdf>

ANTONIO CANDIDO INDICA 10 LIVROS PARA CONHECER O BRASIL. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/12/antonio-candido-indica-10-livros-para-conhecer-o-brasil/>



CAPITULO IV – ARCADISMO E CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO NACIONAL

O século XVIII começa uma importante mudança no cenário nacional, no que diz respeito à construção do sentimento nacional, pelo desenvolvimento de uma consciência sobre a condição colonial que passou a existir, ainda que de forma incipiente, no século anterior, por parte de um pequeno grupo de intelectuais. O Brasil do século XVIII é o Brasil da corrida pelo ouro, das minas gerais. Por conta disso, foi uma época em que a população aumentou e que se pode vislumbrar uma elite cultural mais coesa.

Em relação à literatura, temos um grupo maior de intelectuais, e há relações entre eles. Segundo Candido (1999), a importância desse momento para a formação da literatura brasileira é a constituição da produção literária como fato cultural configurado:

A consciência de grupo por parte dos intelectuais, o reconhecimento que começou a existir de um passado literário local, o começo de maior receptividade por parte de públicos, embora débeis e pouco numerosos, começam a definir uma articulação dos fatos literários (CANDIDO, 1999, p. 53).

Essa consciência de grupo se deu tanto no quesito literário quanto no político. Neste, tivemos um episódio relevante para a História do Brasil, que foi a Inconfidência Mineira. Este foi o nome dado a um episódio específico da nossa história de luta contra os desmandos da Metrópole,



principalmente por parte dos poetas de Vila Rica. Esta cidade, por conta da descoberta das minas, chegou a ser chamada de “a perola preciosa do Brasil”, devido ao processo de povoamento e urbanização que recebeu, inclusive em relação à arte. Por conta disso, a Metrópole passou a aumentar cada vez mais a carga de impostos, o que permitiu a D. João V reinar com muita ostentação e luxo do outro lado do Atlântico. Esse aumento na carga de impostos ocasionou a revolta desse grupo de poetas que, por serem mais críticos, mas também por fazerem parte de uma elite que ficou sobrecarregada com a tributação, ousou pensar em um processo de independência para o Brasil. Os planos para esse golpe eram vagos, a hipótese era de que Minas passaria a ser uma república independente ao final do processo. Até mesmo a abolição da escravatura foi cogitada. Mas o plano não vingou. A tributação extra foi revogada - o que foi o principal motivo para a revolta – e os inconfidentes se desarticularam:

Alvarenga Peixoto, José Álvares Maciel, Luís Vaz de Toledo Piza, Francisco Antonio de Oliveira Lopes, Francisco de Paula Freire de Andrade e Domingos de Abreu Vieira partiram para o exílio em Angola, no dia 5 de maio de 1792. No dia 23, zarpou o navio que levou para Moçambique os conjurados Tomás Antônio Gonzaga, Vivente Vieira da Mota, José Aires Gomes, João da Costa Rodrigues, Vitoriano Gonçalves e Salvador Amaral Gurgel. Os padres implicados foram julgados secretamente em Lisboa. Claudio Manuel da Costa fora encontrado morto na Casa de Contos, em Vila Rica, no dia 4 de julho de 1789. A informação oficial foi de que ele se suicidara, mas muitos historiadores acham que, na verdade, o poeta foi morto numa sessão de tortura ou, então, pelos próprios inconfidentes (BUENO, 2010, p.141).

Essas informações nos são importantes porque mostram o quanto a vida literária (ou intelectual, de modo geral) pode ter a ver com a política de um país, já que política é ação que se baseia em ideias. E vice-versa. Também nos ajuda a compreender como as questões de



decisão política em nosso país sempre partirão de uma elite cultural (o que vai se efetivar com os processos de independência, de instauração da República e mesmo do golpe militar de 1964). As ideias que baseavam os ideias independentistas faziam parte do arcabouço teórico do Iluminismo que, nas artes, ganhou o nome de Neoclassicismo, ou Arcadismo.

O movimento do Neoclassicismo, ou Arcadismo, apregoava um retorno à estética clássica. Segundo Bosi (2000, p.55), tem-se aí um pensamento “voltado para o racional, o claro, o regular, o verossímil”. Na filosofia, esse pensamento vem sob a forma do Iluminismo, com o pensamento de importantes filósofos como Voltaire e Rousseau. Em Literatura propriamente, tem-se um estilo suave, musical e ajustado à temática bucólica. Ainda segundo Bosi (2000, p.55), a primeira Arcádia foi fundada em 1690, em Roma. Seu programa propunha acabar com o mau gosto (especialmente o que estava em voga com o Barroco), sendo que seus sócios tomavam nomes de pastores gregos ou romanos e seu emblema era a flauta de Pã, coroada de pinheiros e louros.

No Brasil, como vimos, esse movimento se desenvolveu nos centros urbanos, especialmente em Vila Rica, Minas Gerais. São nomes importantes do Arcadismo Brasileiro Cláudio Manuel da Costa, com suas Obras pósticas de Glauceste Satúrnio, Tomás Antônio Gonzaga, com Marília de Dirceu e a obra satírica Cartas chilenas, Silva Alvarenga, com Glaura, Basílio da Gama, com O Uruguai e Santa Rita Durão, com o Caramuru. O auge da lírica árcade para muitos críticos é a produção de Tomás Antonio Gonzaga, que abraça mais completamente a estética, inclusive adiantando algumas características que vão vigorar mais adiante no romantismo brasileiro. Marília de Dirceu é uma obra que apresenta três partes, as quais, segundo Bosi (2000), poderiam se resumir a duas, devido ao seu teor. Nessa obra, o poeta se traveste da figura de Dirceu, a fim de, primeiro, apresentar e enaltecer sua amada Marília e o romance dos dois, e depois descrever a tristeza do distanciamento da amada e da impossibilidade de concretização do amor devido ao exílio a que o autor foi obrigado. Já da perspectiva da poesia épica, pode-se dizer que O Uruguai ganha destaque, tanto pela inovação formal, já que os versos não obedecerão à métrica

tradicional (presente na poética de Camões e seguida pela escrita de Santa Rita Durão), quanto pela inovação temática, já que, ao oferecer uma homenagem ao Marquês de Pombal, acaba por fazer uma representação idealizada do indígena, na guerra guaranítica que ocorreu no sul do país. As questões temáticas e formais iniciadas no Arcadismo serão desenvolvidas no Romantismo, o qual coincide socialmente, com o período em que o Brasil se torna uma nação independente.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. Literatura concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

BUENO, Eduardo. Brasil: uma história. Cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010.

CANDIDO, Antonio. Iniciação à Literatura Brasileira. São Paulo: Humanitas, 1999.

MOISÉS, Massaud. Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2004.

Abaixo, você poderá encontrar fragmentos do poema épico O Uruguai, de Basílio da Gama, bem como dois poemas de Tomás Antonio Gonzaga, em seu livro Marília de Dirceu.

No primeiro Canto, temos a Invocação da musa (comum em epopeias e poemas épicos), em que se pede ajuda divina para cantar os versos, e a apresentação do tema, neste caso, o herói que subjogou os índios e os jesuítas na Guerra Guaranítica, Gomes Freire de Andrade. Na segunda estrofe, o motivo da Guerra, a troca de territórios entre Portugal e Espanha, sendo que Portugal passaria a ficar com os Sete Povos (hoje no Rio Grande do Sul), enquanto Espanha passaria a ficar com Colônia do Sacramento (hoje no Uruguai).

Canto I

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos e impuros
Em que ondeiam cadáveres despidos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilheria.
MUSA, honremos o Herói que o povo
rude
Subjugou do Uruguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.
Ai tanto custas, ambição de império!
**Os termos do domínio assinalassem.
Vossa fica a Colônia, e ficam nossos
Sete povos, que os Bárbaros habitam
Naquela oriental vasta campina
Que o fértil Uruguai discorre e banha.
Quem podia esperar que uns índios
rudes,
Se atravessassem no caminho aos
nossos,
E que lhes disputassem o terreno!**

No Canto II, temos o exemplo de misericórdia do General, ao propor que os índios saíssem “por bem” do lugar onde viviam para que a troca entre Portugal e Espanha fosse feita. A partir da terceira estrofe desse canto, temos a voz do indígena reclamando sobre o procedimento dos portugueses e espanhóis, inclusive argumentando contra a colonização pela distância (geográfica) entre colonizador e colonizado.

Canto II

Quando Meneses, que vizinho estava,
Lhe diz: Nestes desertos encontramos
Mais do que se esperava, e me parece
Que só por força de armas poderemos
Inteira e inteiramente sujeitar os povos.
Torna-lhe o General: Tentem-se os meios
De brandura e de amor; se isto não basta,
Farei a meu pesar o último esforço.

Mandou, dizendo assim, que os índios
todos
Que tinha prisioneiros no seu campo
Fossem vestidos das formosas cores,
Que a inculta gente simples tanto adora.
Abraçou-os a todos, como filhos,
E deu a todos liberdade.
E o índio, um pouco pensativo, o braço
E a mão retira; e, suspirando, disse:
Gentes de Europa, nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós. Ah! não de balde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço imenso de águas.
Prosseguia talvez; mas o interrompe
Sepé, que entra no meio, e diz: Cacambo
Fez mais do que devia; e todos sabem
Que estas terras, que pisas, o céu livres
Deu aos nossos avôs; nós também livres
As recebemos dos antepassados.
Livres as hão de herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestamos jugo
Que não seja o do céu, por mão dos padres.
As frechas partirão nossas contendidas
Dentro de pouco tempo: e o vosso Mundo,
Se nele um resto houver de humanidade,
Julgará entre nós; se defendemos
Tu a injustiça, e nós o Deus e a Pátria.
Enfim quereis a guerra, e tereis guerra.

Na Lira I da primeira parte de Marília de Dirceu, de Tomás Antonio Gonzaga, tem-se a apresentação do eu lírico como um homem de posses que cultivava a vida do campo. O principal elemento aqui é o bucolismo, presente em grande parte da produção árcade.

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado:
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e
prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um
trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Com o solto cabelo descomposto,
Tropeçando em ruínas encostar-se.
Desamparada dos habitadores
A Rainha do Tejo, e solitária,
No meio de sepulcros procurava
Com seus olhos socorro; e com seus olhos
Só descobria de um e de outro lado
Pendientes muros e inclinadas torres. Vê

No quarto Canto, o episódio mais conhecido do poema épico, a morte de Lindóia, famoso por sua beleza e lirismo. Lindóia busca a morte após se ver afastada do amado Cacambo.

Este lugar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo

Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim, sobressaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutu, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes

Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Entre a ira e o temor. Enfim sacode
O arco e faz voar a aguda seta,
Que toca o peito de Lindóia, e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravados no vizinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros

Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o lívido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece, com que dor! no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito.
Excertos da obra, extraídos da seguinte
edição:
GAMA, Basílio. O Uruguai. Porto Alegre:
Mercado Aberto, 2002.

Na Lira I da primeira parte de Marília de Dirceu, de Tomás Antonio Gonzaga, tem-se a apresentação do eu lírico como um homem de posses que cultiva a vida do campo. O principal elemento aqui é o bucolismo, presente em grande parte da produção árcade.

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado:
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio
Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Na Lira XII da segunda parte de Marília de Dirceu, o eu lírico já se encontra distante da amada e se ressentido do exílio.

Ah! Marília, que tormento
Não tens de sentir, saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma aldeia,
Que, tiranos¹, não proponham
À inda inquieta² idéia
Uma imagem de aflição.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando lebares, Marília,
Teu ledro rebanho ao prado,
Tu dirás: "Aqui trazia
Dirceu também o seu gado."
Verás os sítios ditosos
Onde, Marília, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.
Quando à janela saíres,
Sem querereres, descuidada,
Tu verás, Marília, a minha³
E minha pobre morada.
Tu dirás então contigo:
"Ali Dirceu esperava
Para me levar consigo;
E ali sofreu a prisão."
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.
Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça⁴,
Onde alegres se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás, de mágoa cheia:
"Todo o congresso⁵ ali anda,
Só o meu amado não⁶."
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com ele
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: "Não foi tirana
Somente comigo a sorte;
Também cortou, desumana,
A mais fiel união."
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Numa masmorra metido,
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem, separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.
ambém mando aos surdos deuses
Tristes suspiros em vão
Excertos da obra, extraídos da seguinte edição:

GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. São Paulo: Germape, s.d.

SAIBA MAIS:

Sugestão de filmes para complementar o estudo da Literatura Brasileira

Para pensar sobre as grandes navegações e a “descoberta” da América

- 1492: a conquista do paraíso - <https://www.youtube.com/watch?v=fUIm3z1lcL0>
- Hans Staden: <https://www.youtube.com/watch?v=JQZpBEKVuP8>

Para pensar a catequização dos índios pelos jesuítas, o trabalho do Padre José de Anchieta e a ação do colonizador/explorador português

- Anchieta: José do Brasil
- <https://www.youtube.com/watch?v=A2mOrUs31yU>

Para pensar o início da colonização brasileira

- Desmundo : https://www.youtube.com/watch?v=oxQe_BeRba0

Para pensar o barroco brasileiro

- Aleijadinho: <https://www.youtube.com/watch?v=L1F3771qtGE>
- Gregório de Matos: o Boca do Inferno: <https://www.youtube.com/watch?v=o4f06EBKjpl>

Para pensar a questão da escravidão no século XVII

- Quilombo: <https://www.youtube.com/watch?v=SQEMAPla6uk&t=78s>

Para pensar a inconfidência mineira e o arcadismo

- Caramuru: a invenção do Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=nOEUbAdzsKk>
- Tiradentes: <https://www.youtube.com/watch?v=xtP7b-HIMcl>



Para pensar o século XIX no Brasil (Romantismo)

- Carlota Joaquina: <https://www.youtube.com/watch?v=wk9ZE7C9P58>
- A moreninha: <https://www.youtube.com/watch?v=49oMlwE9qak>
- O guarani: <https://www.youtube.com/watch?v=GtpGeeAEhN4>
- Inocência: https://www.youtube.com/watch?v=6KlzfE0_mUA
- Lucíola: <https://www.youtube.com/watch?v=kTCN5qijPZ4>
- Iracema: <https://www.youtube.com/watch?v=ythVgsqiNU4>
- Senhora: <https://www.youtube.com/watch?v=EN0kbZ9Tui8>
- Memórias de um sargento de milícias: <https://www.youtube.com/watch?v=kTCN5qijPZ4>